

EXPRESSANDO SUBJETIVIDADES: ARTE E DIÁLOGO COMO ESTRATÉGIAS DE (RE)EXISTÊNCIA POR MEIO DA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

EXPRESSING SUBJECTIVITIES: ART AND DIALOGUE AS (RE)EXISTENCE STRATEGIES BY THE UNIVERSITY EXTENSION

EXPRESANDO SUBJETIVIDADES: EL ARTE Y EL DIÁLOGO COMO ESTRATEGIAS DE (RE)EXISTENCIA POR MEDIO DE LA EXTENSIÓN UNIVERSITARIA

Submissão:
06/01/2023
Aceite:
10/03/2023


Marisa Narcizo Sampaio ¹  <https://orcid.org/0000-0001-6055-6332>

Cynara Teixeira Ribeiro ²  <https://orcid.org/0000-0002-7109-2630>

Davi Costa da Silva ³  <https://orcid.org/0000-0003-0453-1792>

Joana Maria Rodrigues de Lima ⁴  <https://orcid.org/0000-0002-7167-549X>

Teresinha Pereira da Rocha ⁵  <https://orcid.org/0000-0001-7588-1082>

Wilson Elmer Nascimento ⁶  <https://orcid.org/0000-0002-9802-3192>

Resumo

Nas últimas décadas, a sociedade incorporou novos paradigmas sociais, políticos e econômicos, criando o que Han (2015) denominou sociedade do desempenho. Tais paradigmas elevaram o grau de expectativa sobre o desempenho dos indivíduos, gerando uma permanente sensação de cansaço e fracasso. Observamos na universidade a reprodução deste fenômeno mediante relatos frequentes de mal-estar psicológico, sobretudo, de discentes. Assim, propusemos o projeto de extensão Expressando Subjetividades para promover atenção educacional e psicossocial aos estudantes do Centro de Educação da UFRN, propiciando-lhes momentos de distensionamento em oficinas que propunham expressão pela arte. Este artigo objetiva registrar, divulgar e refletir sobre as ações do projeto, suas potencialidades e limitações. Por meio da análise dos dados do projeto, em diálogo com os estudos realizados pelo grupo, discutimos os resultados positivos obtidos que apontam dois pilares orientadores para nossas ações: diálogo como base para constituição da subjetividade e arte como forma de expressão e resistência.

Palavras-chave: projeto de extensão; subjetividade; linguagens artísticas; diálogo; formação docente.

¹Professora do Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) marisamns@gmail.com

²Professora do Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) cynara_ribeiro@yahoo.com.br

³Assistente em administração na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) davicosta.p2@gmail.com

⁴Aluna de Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) joana.lima.711@ufrn.br

⁵Pedagoga na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) teresinha.rocha@hotmail.com

⁶Professor do Centro de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) wilson.elmer13@gmail.com

Abstract

In recent decades, our society has incorporated new social, political and economic paradigms, creating what Han (2015) called the performance society. Such paradigms raised the level of expectation about the performance of individuals, generating a permanent feeling of tiredness and failure. We observed the reproduction of this phenomenon at the university through frequent reports of psychological discomfort, especially from students. Thus, we proposed the Expressing Subjectivities, an extension project to promote educational and psychosocial attention to the Education Center students', at the Federal University of Rio Grande do Norte-Brazil, providing them with moments of relaxation in workshops that proposed expression through art. This article aims to record, disseminate and reflect on the project's actions, its potentialities and limitations. Through the analysis of the project's data, in dialogue with the studies carried out by the group, we discuss the positive results obtained that point to two guiding pillars for our actions: dialogue as a basis for the constitution of subjectivity and art as a form of expression and resistance.

Keywords: extension project; subjectivity; artistic languages; dialogue; teacher training.

Resumen

En las últimas décadas, la sociedad ha incorporado nuevos paradigmas sociales, políticos y económicos, creando lo que Han (2015) denominó la sociedad del rendimiento. Dichos paradigmas elevaron el nivel de expectativa sobre el desempeño de los individuos, generando un sentimiento permanente de cansancio y fracaso. Observamos la reproducción de este fenómeno en la universidad a través de frecuentes informes de malestar psicológico, especialmente de los estudiantes. Así, propusimos el proyecto de extensión Expresando Subjetividades para promover la atención educativa y psicosocial a los estudiantes del Centro de Educación de la UFRN, brindándoles momentos de relajación en talleres que proponían la expresión a través del arte. Este artículo tiene como objetivo registrar, difundir y reflexionar sobre las acciones del proyecto, sus potencialidades y limitaciones. A través del análisis de los datos del proyecto, en diálogo con los estudios realizados por el grupo, discutimos los resultados positivos obtenidos que apuntan a dos pilares orientadores de nuestras acciones: el diálogo como base para la constitución de la subjetividad y el arte como forma de expresión y resistencia.

Palabras clave: proyecto de extensión; subjetividad; lenguajes artísticos; diálogo; formación de profesores.

Introdução

Ao longo das últimas décadas, a sociedade foi se transformando rapidamente, havendo o engendramento de novos paradigmas que passaram a orientar as relações sociais, políticas e econômicas. Os padrões sociais que emergiram de tais transformações formam o que Han (2015) denominou de sociedade do desempenho, na qual um elevado grau de expectativa de desempenho ocupa, por completo, diferentes aspectos da vida das pessoas. Para o autor, essa configuração causa um cansaço solitário, individualiza e isola as pessoas, atingindo-as de forma neuronal, com sensação de fracasso quando não conseguem corresponder a todas as expectativas.

No âmbito da universidade, também percebemos este fenômeno se produzindo. Ocorre, no mais das vezes, desde o ingresso no ensino superior, um momento de grandes mudanças na vida das/os estudantes, que nem sempre estão preparadas/os para o peso das expectativas em relação à vida pessoal e profissional, bem como às novas demandas e desafios que surgem neste contexto, tornando-se, assim, vulneráveis a diversas formas de sofrimento psicológico e a eventuais problemas de saúde mental.

Assim, desde 2016, viemos registrando, entre as/os estudantes do Centro de Educação - CE da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, diversos relatos referentes ao seu mal-estar psicológico, expostos pelas/os próprias/os discentes e por docentes que as/os observam. Este crescen-

te fenômeno serviu como alerta para identificarmos a necessidade de promover ações que abrissem espaço para reflexões e diferentes formas de expressão das subjetividades, que funcionassem como canais de comunicação e socialização de vivências estudantis, tendo como premissas a interação dialógica e a valorização da diversidade, visando, além da permanência nos cursos de graduação e pós-graduação, uma qualificação da experiência universitária de modo articulado à qualidade de vida.

Partindo dos princípios de que a arte tem sido uma linguagem privilegiada de expressão das subjetividades e de que a Universidade é espaço de livre expressão e formação do pensamento, propusemos, no segundo semestre de 2019, o projeto de extensão Expressando Subjetividades. Seus principais objetivos são propor ações de caráter multiprofissional e interdisciplinar para a promoção de atenção educacional e psicossocial para estudantes de graduação e pós-graduação do CE da UFRN, e oferecer oficinas de diferentes linguagens artísticas que se constituem em momentos de distensionamento, possibilitando formas de relação e expressão diferentes das vividas no ambiente acadêmico pelas/os estudantes. Posteriormente, a oferta das oficinas foi ampliada para outros públicos: estudantes de ensino médio de escolas públicas da região de Natal matriculadas/os no cursinho preparatório para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) do Diretório Central dos Estudantes (DCE) - Cursinho do DCE; e professoras/es das redes públicas de ensino.

O caráter extensionista da ação justifica-se em razão de configurar-se como um processo educativo e cultural que se articula com ensino e pesquisa, apresentando ainda, conforme Nogueira (2005), outras características peculiares da extensão, tais como: ser instrumento básico para concretizar função e compromisso social da universidade, buscando soluções para problemas da população; ter caráter interdisciplinar; ser processo orgânico, contínuo e coletivo; e compor o currículo da formação de futuras/os professoras/es.

Nesse sentido, o objetivo deste artigo é registrar, divulgar e refletir sobre as ações do projeto, sobre potencialidades e limitações surgidas ao longo de sua trajetória, bem como sobre as repercussões geradas nas/os estudantes no que tange à sua dimensão subjetiva e formativa. Ao registrar esta trajetória, pretendemos também discutir as experiências realizadas tratando da arte como possibilidade privilegiada de expressão e de resistência, já que envolve sensibilidade, reflexão e criação, características que se articulam à educação e que por vezes são subvalorizadas nesses tempos difíceis que vivemos, em função dos ideais individualistas e neoliberais.

Para o alcance destes objetivos foram realizados os seguintes procedimentos metodológicos: avaliação contínua e sistemática do desenvolvimento do projeto; consideração de depoimentos orais e escritos das/os estudantes participantes e das/os ministrantes das oficinas; registro das oficinas realizado durante o seu decorrer; leitura e discussão de temas emergidos das próprias experiências do projeto relacionados às nossas observações, a saber: o papel da extensão universitária; as configurações da sociedade contemporânea, chamada de sociedade do cansaço; importância da arte nos processos de produção das subjetividades. Cabe destacar que se tratou de um movimento de ir e vir estabelecendo relações e diálogos entre as vivências do projeto e as discussões teóricas.

A fim, portanto, de refletir sobre o trabalho realizado no âmbito do projeto de extensão supracitado, relatamos, a seguir, a proposta, metodologia e etapas de desenvolvimento do projeto, para, posteriormente, problematizarmos a relação entre expressão e arte que fundamenta nossa proposta. Para finalizar, trazemos algumas considerações acerca dos impasses vivenciados no cenário atual das formas de expressão da subjetividade como enfrentamento e criação de novas possibilidades de (re) existências.

Um pouco da história que construímos

Inicialmente, o projeto foi realizado em caráter experimental, para avaliarmos suas repercussões na melhoria da qualidade de vida das/os estudantes e no seu desenvolvimento pessoal e acadêmico, de modo a melhorar sua interação, expressão e permanência qualificada na universidade. Nesta direção, oferecemos, de setembro a dezembro de 2019, três oficinas nas quais as/os estudantes aprenderam e utilizaram diferentes linguagens artísticas de promoção do autoconhecimento e da interação: *Brincando com o Corpo*; *Exercícios Teatrais: Explorando Multissensorialidades*; e *Nas Tramas de Corpodesenhantes*. Essas oficinas foram realizadas presencialmente no Laboratório de Artes do CE da UFRN e contaram com a colaboração de profissionais e egressas/os da própria universidade.

Ao final de 2019, a partir da avaliação realizada com as/os participantes, concluímos que as oficinas atingiram seu objetivo inicial, pois a maioria relatou como pontos positivos da experiência a melhoria no desempenho acadêmico, no autoconhecimento, na superação da timidez e na aprendizagem de metodologias baseadas no diálogo e participação de educandas/os. Além disso, a maioria solicitou a continuidade do projeto.

Sendo assim, o projeto foi renovado no início de 2020, passando a contar com uma bolsa de extensão para discente. Seu principal objetivo continuava sendo promover atenção educacional e psicossocial para estudantes do CE da UFRN, tendo sido acrescentada a essa categoria as/os estudantes do Cursinho do DCE. Estas/es estudantes vivem, em geral, em condições de vulnerabilidade social, e ao se prepararem para entrar na universidade, eleva-se sobremaneira o nível de pressão sobre si, o que também as/os fragiliza psicologicamente. Trata-se de um público externo que já frequenta a universidade com vistas a fazer parte dela.

Antes de completar um mês de execução do projeto no seu segundo ano, as atividades acadêmicas foram suspensas em função da Declaração de Emergência em Saúde Pública pela Organização Mundial da Saúde (OMS), a qual declarou a infecção pelo novo coronavírus (COVID-19) como pandêmica e recomendou o distanciamento social como forma de prevenção, conforme a Portaria nº 452/2020-REITORIA, de 17 de março de 2020.

Em função das medidas de enfrentamento à emergência sanitária, bem como da incerteza sobre o momento e a forma de retorno das atividades acadêmicas, o planejamento iniciado nas primeiras semanas de março foi paralisado. Quando, em maio de 2020, a universidade iniciou as discussões sobre a retomada das atividades em caráter excepcional, em sistema de ensino remoto e em um período suplementar, reiniciamos os contatos para reaproximação do grupo e retomamos as reuniões de planejamento do projeto para que as oficinas pudessem ser oferecidas em formato remoto, além de termos realizado discussões sobre o cenário pandêmico e suas repercussões psíquicas.

Observamos que o fenômeno do mal-estar psicológico se agravou consideravelmente em consequência das incertezas e das perdas em todos os âmbitos sofridas por todas/os. Assim, consideramos esta retomada como imprescindível a fim de contribuir para que as/os estudantes enfrentassem também as múltiplas alterações e dificuldades geradas na vida de todas/os, nos âmbitos pessoais, sociais, econômicos e políticos no contexto da pandemia.

Três oficinas em formato remoto foram realizadas de setembro a dezembro de 2020, envolvendo linguagens artísticas que pudessem ser trabalhadas a distância e mediadas pelas plataformas de *streaming*: *Escrita e Subjetividade*; *Música e Subjetividade*; e *Relaxamento e Autoconhecimento*. Todas visavam proporcionar ao público-alvo oportunidades de interagir, dialogar e descobrir coletivamente caminhos singulares para transformar e superar suas dificuldades.

Estas atividades também foram avaliadas pela maioria das/os participantes como excelentes. Por isso, e considerando os conhecimentos e procedimentos aprendidos nessas experiências, além da maior necessidade de incentivamos atividades que visassem distensionar a vida cotidiana, propusemos o prosseguimento do projeto para o ano de 2021, o qual foi mais uma vez aprovado com concessão de bolsa de extensão para discente.

No ano de 2021, os múltiplos desafios, dificuldades e perdas trazidos pela pandemia se intensificaram também no âmbito das atividades acadêmicas, já que a UFRN aprovou um calendário com praticamente três semestres letivos. Neste quadro de constante tensão, em que ficamos ainda mais fragilizadas/os por tantas perdas, tragédias, ambiente tóxico de notícias falsas, negacionismo e ações governamentais irresponsáveis, e também cansadas/os das atividades remotas, o projeto fez ainda mais sentido e tornou-se mais necessário, razão pela qual propusemos mais três oficinas: *Expressando-se com Audiovisual*; *Escrevendo o sentir*; e *Dança Contemporânea e Subjetividade*. A última contou com a participação, por livre adesão, de algumas/ns professoras/es das redes públicas, que também se tornaram um coletivo bastante vulnerável durante a pandemia. Esta ampliação deu-se em decorrência da nossa forma de *pensar-fazer* o projeto de extensão, entendendo a ação extensionista cada vez mais na direção da comunidade, priorizando a interação dialógica e a diversificação de públicos atendidos.

Percebemos, ao longo das oficinas ofertadas no ano de 2021, um declarado interesse pelas diferentes linguagens propostas nos momentos de divulgação e traduzidas na busca de informação e inscrição, mas que não se concretizava no efetivo comparecimento das/os inscritas/os nas oficinas, que continuavam a ser ofertadas com mediação das tecnologias, em razão da necessidade do distanciamento social. Percebemos a total ausência nas inscrições de estudantes do cursinho, que foram dos mais atingidos pelas consequências sociais e econômicas da pandemia, deixando os estudos por falta de acesso às tecnologias que permitissem sua participação remota nas aulas ou por necessidade de trabalhar para garantir o sustento, tornando-se ainda mais vulneráveis socialmente. Estas desistências, juntamente com o grande acúmulo de atividades e desgaste sentido pelo próprio grupo e no meio acadêmico em geral, nos fez optar por não oferecer oficinas no terceiro semestre letivo do ano de 2021, iniciado na segunda quinzena de outubro.

No ano de 2022, o projeto foi novamente renovado. Com a perspectiva da volta às atividades acadêmicas presenciais na UFRN no final de março, e guiadas/os pelo verbo *esperançar* usado por Paulo Freire, as oficinas foram reabertas à participação presencial do público interno e externo, este último composto prioritariamente por professoras/es das redes públicas de ensino, nossas/os interlocutoras/es em muitas outras atividades de ensino e pesquisa. Entretanto, observamos a repetição do paradoxo de que o grande interesse manifestado pelas/os estudantes por meio das inscrições não se materializava no comparecimento destas/es nos dias em que as oficinas eram ofertadas.

Neste ano de 2022, conseguimos oferecer uma oficina que considerávamos ter muita afinidade com os objetivos do projeto: *Teatro do Oprimido*, que teve a duração de cerca de um mês. Neste ano também reeditamos, com muito sucesso, a primeira oficina oferecida pelo projeto: a *Brincando com o corpo*. Além dessas, no segundo semestre, tivemos as oficinas *Vamos brincar e reencontrar o encantamento?* e *Okàn Mímò: a ancestralidade negra na construção das bonecas Abayomi*, esta última como parte das comemorações do Mês da Consciência Negra.

Chama bastante atenção que, embora as/os estudantes avaliassem o projeto como necessário e demonstrassem interesse pelas temáticas das oficinas, não conseguissem participar desses momentos que foram planejados a partir das demandas apresentadas por elas/es próprias/os. A nosso ver, fica

evidenciado o paradoxo existente entre a necessidade de acolhimento por elas/es relatada e a dificuldade de envolvimento delas/es em ações que pudessem acolhê-las/os e levá-las/os à superação do mal-estar mencionado.

O referido paradoxo corrobora os apontamentos de Han (2015) acerca da sociedade em que vivemos, na qual há uma enorme expectativa de desempenho em relação aos indivíduos, induzindo que as pessoas, em busca de um idealizado desempenho individual, se distanciem de ações coletivas e da criação de laços sociais que as permitam uma maior qualidade de vida. Esse padrão causa um cansaço solitário, individualiza e isola as pessoas, deixando-as com sensação de fracasso quando não conseguem corresponder a todas as expectativas. É o que Han (2015), ao fazer um paralelo com a imunologia que explica nossas respostas ao contato com agentes externos, chama de *violência neuronal*. Esta é descrita como característica de uma época que, ao tentar fazer desaparecer a alteridade e a estranheza que esta naturalmente produz no indivíduo, reduz a resposta imunológica que é engendrada justamente como uma reação à alteridade. Nessa lógica de negação da alteridade, o outro é igual, mais um, e a violência torna-se sistêmica e inacessível à percepção direta, sentida sob a forma de excesso que leva à saturação e à exaustão.

No caso das relações interpessoais, o agente patogênico é a alteridade, na medida que nossa sociedade nos impele a centrar na nossa individualidade, produzindo uma reação de indiferença à alteridade. Portanto, a alteridade torna-se incapaz de despertar a resposta imunológica necessária à superação do mal-estar. A proposta do projeto, ao proporcionar ações coletivas de diálogo, interação e confronto entre vivências, visou produzir reações imunológicas que gerassem a criação de outras formas de viver.

A dinâmica social que vivemos atualmente gera mal-estar, ao mesmo tempo em que dificulta a busca por formas coletivas de superação, já que tudo está centrado no indivíduo. Assim, paradoxalmente, a sociedade do desempenho relatada por Han (2015) conduz parcela significativa da população não ao máximo desempenho individual, mas sim ao adoecimento, ao isolamento, à desistência e ao cansaço, que acabam sendo entendidos como fracasso individual. Segundo o autor, o ser humano vive a experiência da maximização do seu desempenho na esperança de obter liberdade, mas isso tem levado à autoexploração, condição na qual não há tempo para qualquer atividade que não seja considerada útil e que agregue resultados. Assim, o ser humano não só não atinge a desejada liberdade, como também sofre com manifestações patológicas que causam adoecimentos psíquicos na sociedade diante desse excesso de atividades (HAN, 2015). Nesse sentido, a busca por momentos de relaxamento, sem grandes cobranças, nos quais se permita uma ruptura com questões agressoras à saúde mental e psicológica dos participantes são defendidas por Han (2015).

O trabalho nas oficinas: diferentes experiências, variadas expressões

Desde seu início, o projeto de extensão Expressando Subjetividades contou com uma equipe organizadora muito heterogênea, composta por diferentes atores do Centro de Educação da UFRN. Docentes de diferentes áreas do conhecimento, servidoras/es e estudantes do curso de Pedagogia que mantinham uma dinâmica de encontros quinzenais para o planejamento das oficinas, estudos e reflexões acerca das diferentes formas de expressão da subjetividade por meio das variadas linguagens artísticas.

As temáticas, bem como as linguagens a serem trabalhadas nas oficinas, eram escolhidas por

meio de estudo diagnóstico e principalmente a partir de levantamentos feitos com as/os estudantes ligados ao Centro de Educação e participantes de oficinas anteriores. A partir da temática escolhida, a equipe organizadora estabelecia parcerias com diferentes agentes da universidade e de fora dela para a realização das oficinas, sempre na perspectiva de apresentarmos propostas alinhadas aos objetivos do projeto.

O quadro abaixo elenca as atividades ofertadas, destacando a linguagem artística trabalhada, bem como o período de realização e o formato das oficinas, possibilitando, assim, visualizar a diversidade de propostas oferecidas ao longo dos quatro anos de projeto:

Quadro 1: Oficinas ofertadas e suas características

Oficina	Linguagem	Período	Formato
Brincando com o Corpo	Corporeidade	Setembro de 2019	Presencial
Exercícios Teatrais Explorando Multissensorialidades	Teatro	Outubro de 2019	Presencial
Nas Tramas de Corpo Desenhantes	Desenho	Novembro de 2019	Presencial
Escrita e Subjetividade	Literatura	Outubro de 2020	Remoto
Música e Subjetividade	Música	Novembro de 2020	Remoto
Relaxamento e Autoconhecimento	Meditação	Dezembro de 2020	Remoto
Expressando-se com Audiovisual	Audiovisual	Março / Abril de 2021	Remoto
Escrevendo o sentir	Literatura	Julho de 2021	Remoto
Dança Contemporânea e Subjetividade	Dança Contemporânea	Agosto de 2021	Remoto
Teatro do Oprimido	Teatro	Maior de 2022	Presencial
Brincando com o corpo	Corporeidade	Junho de 2022	Presencial
Vamos brincar e reencontrar o encantamento?	Brincadeiras	Outubro de 2022	Presencial
<i>Okàn Mímọ</i> : a ancestralidade negra na construção das bonecas Abayomi	Artesanato	Novembro de 2022	Presencial

Fonte: Projeto de Extensão Expressando Subjetividades (2022)

De modo geral, as oficinas eram oferecidas em dois ou três encontros (presenciais ou remotos), para mais de uma turma em horários diferentes (tarde e noite), conforme disponibilidade das/os oficinairas/os, em 2019 e 2020. Em 2021 e 2022, experimentamos a oferta apenas no horário de final da tarde, visando atender, simultaneamente, as/os estudantes dos turnos vespertino e noturno.

A primeira oficina ofertada pelo projeto, em setembro de 2019, intitulada *Brincando com o Corpo*, foi conduzida por uma docente do Departamento de Educação Física da UFRN e oferecida em duas turmas. Nessa atividade, buscou-se trabalhar aspectos como o brincar com o corpo, o resgate de si e o diálogo com experiências já vivenciadas pelas/os participantes. O acolhimento ao projeto foi altamente satisfatório, haja vista a expressiva participação de 64 pessoas.

No mês seguinte, realizamos a oficina *Exercícios Teatrais: Explorando Multissensorialidades*, também em duas turmas, e tivemos a participação de 33 pessoas. A oficina foi ministrada por um grupo de estudantes do curso de Teatro da UFRN e teve como objetivo explorar a sensibilidade e a expressão das/os participantes através dos sentidos primários.

Terminando o ano de 2019, oferecemos a oficina *Nas Tramas de Corpo Desenhantes*, ministrada por uma egressa do programa de Pós-Graduação em Educação da UFRN que teve a participação de 24 pessoas, todas estudantes do curso de Pedagogia, como nas demais oficinas deste primeiro ano. Seguindo a mesma linha de expressão corporal das oficinas anteriores, esta oficina visava registrar esta expressão por meio de desenhos realizados com o corpo de maneira individual e coletiva.

Em 2020, a primeira oficina oferecida no contexto de isolamento social, e por isso realizada no formato remoto, foi *Escrita e Subjetividade*, ministrada por uma docente do Centro de Educação da UFRN e contou com uma participação bastante entusiasmada de seus 38 participantes. Teve como objetivo se constituir como um espaço-tempo para que os participantes pudessem refletir e, ao mesmo tempo, se manifestar sobre e por meio da escrita em sua potencialidade como escrita de si, referindo a uma concepção de escrita que aproxima autor, narrador e personagem, visando potencializar processos subjetivos.

Dando continuidade às atividades do projeto no contexto de isolamento físico, também em 2020, oferecemos o conjunto de oficinas *Música e Subjetividade*, ministrada por dois músicos. As atividades realizadas durante os encontros buscaram estabelecer relações entre a história da música na humanidade, a teoria musical básica e a história do samba no Brasil, além do estudo de uma música e a produção de materiais audiovisuais. A oficina contou com a presença de 18 participantes que puderam refletir e manifestar suas potencialidades através da música.

No último mês de 2020, finalizando as atividades daquele ano, encontramos um momento propício para o desenvolvimento da oficina *Relaxamento e Autoconhecimento*. Ministrada por duas professoras de yoga, a atividade reuniu nove participantes, os quais, por meio do autoconhecimento, puderam refletir sobre suas competências como expressão de subjetividades, assim como conhecer aspectos básicos acerca de técnicas de relaxamento. A fim de desacelerar, recuperar a tranquilidade e renovar forças, essa atividade se constituiu como um espaço privilegiado para finalizar o primeiro ano de pandemia.

Abrindo as atividades de 2021, ainda marcado pelo agravamento da pandemia da Covid-19 e em contexto de aulas remotas, desenvolvemos a oficina *Expressando-se com Audiovisual*, ministrada por um docente do Centro de Educação. A ação contou com a presença de 10 participantes e teve por objetivo distensionar e melhorar a qualidade de vida através da linguagem audiovisual. Na ocasião, os participantes da oficina tiveram contato com diversas ferramentas de criação de conteúdos audiovisuais, sobretudo no que se refere à criação de materiais voltados para a expressão das próprias subjetividades.

A oficina de julho, *Escrevivendo o Sentir*, foi desenvolvida a fim de celebrar o *Julho das Pretas*, evento de mobilização nacional que acontece anualmente no mês de julho em comemoração ao Dia Internacional da Mulher Negra Latino-americana e Afro-caribenha. A atividade foi ministrada por uma mestrande em Antropologia Social da UFRN e obteve a presença de 10 participantes. Com o intuito de refletir sobre o que há dentro de nós usando a escrita como ferramenta de condução e mediação, chamando atenção para o ato de escrever enquanto ferramenta terapêutica em relação ao que vivemos e sentimos em nosso dia a dia, os encontros perpassam diálogos sobre processos criativos

da escrita, a relação dos processos criativos com o que sentimos e um sarau com as *escrevivências* produzidas pelas/os participantes.

Para finalizar o ano de 2021, desenvolvemos a oficina *Dança Contemporânea e Subjetividade*, com a finalidade de expressar sentimentos e sensações através de movimentos corporais. O encontro foi realizado ainda em formato remoto e ministrado por um coreógrafo e bailarino. Contando com um baixo número de participantes, menos de 10 pessoas, pudemos identificar o cansaço da comunidade em realizar atividades remotas – condição que perdurava quase dois anos.

Iniciando o ano de 2022 e com retorno das atividades presenciais, tivemos a oportunidade de promover a oficina *Teatro do Oprimido e Expressões de Subjetividade*. A atividade foi ministrada por um graduando do curso de Teatro da UFRN, que buscou introduzir a prática do Teatro do Oprimido por meio de exercícios, práticas coletivas e jogos teatrais propostos no livro “Jogos para atores e não atores”, de Augusto Boal. Em um cenário ainda carregado de incertezas, foi possível observar uma baixa adesão da comunidade, com apenas seis participantes presentes na atividade.

Para prosseguir com as atividades presenciais do projeto e promover entre os participantes um diálogo com o que há de melhor em nós a partir das experiências vividas com o corpo, promovemos, em julho de 2022, uma reedição da oficina *Brincando com o corpo*, a primeira oferecida pelo projeto, em 2019. A atividade foi conduzida pela mesma docente do Departamento de Educação Física da UFRN e oferecida em duas partes, com os mesmos objetivos. Interrompendo a tendência de baixa adesão às oficinas, essa atividade contou com a participação de 35 pessoas, entre estudantes e professores.

Para trabalhar com a corporeidade e as brincadeiras, oferecemos a oficina *Vamos brincar e reencontrar o encantamento?*, atividade que buscou resgatar as memórias relacionadas ao brincar na vida dos participantes. A ação foi ministrada por uma professora da Universidade Potiguar e contou com a presença de 14 pessoas, que puderam experimentar brincadeiras da infância, da adolescência e também da vida adulta, refletindo sobre seus significados e suas próprias vivências como base para a atuação na docência.

Para encerrar o ano de 2022, a oficina *Ọkàn Mímọ: a ancestralidade negra na construção das bonecas Abayomi*, foi um convite ao diálogo sobre a importância e contribuição que os povos negros tiveram na construção da sociedade brasileira, em alusão ao mês da consciência negra. A ação contou com a presença de quatro participantes e foi conduzida por uma mestrande em Antropologia Social da UFRN, que buscou estabelecer um diálogo sobre a ancestralidade negra partindo de nossas histórias e descolonizando os olhares sobre o continente africano. Nesse sentido, de maneira lúdica e através da produção das bonecas abayomi, a atividade teve por objetivo auxiliar na construção de uma identidade negra positiva e promover o combate ao racismo no ambiente universitário por meio da arte, pondo em prática a Lei n.º 10.639/2003.

De acordo com as avaliações realizadas ao final de cada oficina por meio de formulários, conseguimos registrar percepções das/os participantes sobre as atividades. Os formulários inicialmente tiveram formato impresso e a partir de 2020 foram feitos pelo formulário eletrônico, sempre garantindo o anonimato das/dos respondentes. Nestes instrumentos eram indagados os seguintes aspectos: adequação do dia e horário da oficina; pontos positivos e negativos percebidos pela pessoa; contribuições formativas, acadêmicas e pessoais proporcionadas pela oficina; impressões gerais e sugestões para as próximas oficinas e para o projeto. É importante salientar que, ao responderem os formulários, as/os participantes estavam cientes acerca dos objetivos do instrumento, quais sejam, o de avaliar o

andamento do projeto e subsidiar os processos de planejamento contínuo das ações.

Ao analisarmos as respostas a estes formulários, percebemos que as/os participantes entenderam esses momentos como encontros prazerosos, leves e participativos, que proporcionaram aprendizagens de diferentes feitios, experimentação do corpo e descoberta de potencialidades. Alguns aspectos positivos apontados foram: aprendizagem pessoal para além da dimensão acadêmica e possibilidade de se desconectar momentaneamente de rotinas extenuantes.

As avaliações realizadas pelas/os estudantes conduziram ao aprofundamento da discussão acerca do papel da arte na formação pessoal e profissional, em especial no tocante às especificidades das licenciaturas, na medida em que a arte mostrou-se como estratégia de expressão das subjetividades ao mesmo tempo em que modo de resistência a modelos neoliberais de subjetivação e também de formação docente.

Considerando o já mencionado movimento de ir e vir que nos permitiu estabelecer relações e diálogos entre as vivências do projeto e as discussões teóricas, foi possível elencar entre os temas estudados – o papel da extensão universitária; as configurações da sociedade contemporânea, chamada de sociedade do cansaço; importância da arte nos processos de produção das subjetividades – os dois que se mostraram mais profícuos para a compreensão do processo vivido e, conseqüentemente a organização dos resultados neste artigo, que serão discutidos a seguir como eixos orientadores da análise.

Arte como estratégia de expressão e resistência

Para o desenvolvimento das oficinas, a proposta do projeto está baseada em dois princípios orientadores que as caracterizam: a arte como estratégia de expressão e resistência; e a relação dialógica entre as/os participantes. Entendemos que ambos os princípios contribuíram para o alcance de alguns de nossos objetivos referentes a proporcionar às/aos estudantes distintas formas de comunicação e socialização; permitir o desenvolvimento de sua autonomia pessoal e acadêmica; promover sua integração entre si e o convívio com a diversidade bem como a troca de conhecimentos e experiências; promover, para estudantes de licenciaturas, a aprendizagem de atitudes imprescindíveis à atuação docente, como diálogo, respeito, empatia e consideração com o outro. O uso de linguagens artísticas como estratégia de expressão e resistência pode contribuir ainda para a ampliação da formação docente em relação à experiência estética.

A produção de conhecimento, atividade na qual todas/os as/os participantes estão envolvidas/os e que as/os desafia cotidianamente, muitas vezes produzindo desconforto, pressupõe o desenvolvimento de atitudes como dialogar, compreender e sentir o mundo. Isso quer dizer que se trata de uma atividade que vai além da dimensão cognitiva, pois implica interagir com o mundo a partir das nossas ações, experiências, afetos e emoções, ou seja, da nossa subjetividade.

A escolha de operar com a arte tentando proporcionar atenção educacional e psicossocial para estudantes (posteriormente para professoras/es), aconteceu a partir do encontro com pesquisas que discutem processos de subjetivação (ONOCKO CAMPOS, 2001; FIGUEIREDO, 2004) e que apontam o potencial da arte enquanto linguagem propícia para trazer reflexões e problematizar esses processos (VIANA; FRANCISCATTI, 2010; AMENDOEIRA, 2008; 2017).

Segundo Amendoeira (2017)

A atividade artística permite transformação e crescimento, o que podemos considerar um tipo de restauração psíquica. A arte pode ser comparada à psicoterapia no que diz respeito à garantia de sanidade mental, pois, uma vez que ela se relaciona com as angústias depressivas e com impulsos reparadores, pode-se pensar nela como uma tentativa de recuperar e recriar um objeto amado dentro e fora e de si por parte do sujeito (AMENDOEIRA, 2017, p.36)

Ainda, segundo Ferreira e Ferreira (2017), a arte potencializa a subjetividade na medida em que permite a troca entre o interno e externo: possibilita o contato do sujeito consigo mesmo no processo de criação e como sua expressão permite a comunicação com o outro.

Além disso, no Brasil, temos um grande exemplo de uso da arte com objetivo terapêutico no trabalho da Dra. Nise da Silveira que, nos anos 1940, passou a oferecer ateliês de pintura e modelagem em que pacientes de hospital psiquiátrico tinham oportunidade de criar e se expressar livremente.

Corroborando com estas pesquisas, nossa prática no projeto e o retorno avaliativo das/os participantes têm nos mostrado que a vivência de momentos de expressão com as diferentes linguagens artísticas provoca relaxamento, superação da timidez, descontração, alívio das tensões acadêmicas (Participantes em 2019, 2020, 2021).

Dessa forma, a oferta de um espaço no qual estudantes com demandas de sofrimento psicossocial se utilizam de mediadores artísticos e culturais, tais como literatura, dança, artes visuais, música, teatro entre outros, parece favorecer que estes sujeitos expressem e trabalhem suas questões e/ou conflitos psíquicos dando “forma às emoções profundas, transformando-as e mudando-as de nível. A necessidade humana de criar e recriar a realidade busca na arte uma via de expressão da subjetividade e pode trazer alívio emocional.” (AMENDOEIRA, 2017, p. 37). É nesse sentido que entendemos também a arte como forma de desenvolver a resistência dos sujeitos “aos estímulos opressivos, intrusos” (HAN, 2015, p. 28) nos tempos-espacos de hiperatividade, tensão, cobrança, como este autor caracteriza a sociedade atual, e como pode ser a universidade.

Tomando experiência, conforme nos ensina Larrosa (2002), aquilo que nos passa/acontece, não o que se passa sem nos atingir/tocar ou fazer sentir, podemos dizer que a experiência com a arte é uma das que mais consegue nos tocar, e por isso nos penetra, nos afeta e nos transforma. Os relatos de participantes ao avaliar o projeto revelam que elas/es foram afetadas/os no que se refere à maior socialização, diminuição da ansiedade, autoconhecimento, liberdade para expressão de sentimentos, reconhecimento de si através da arte (2019), como resume este trecho: “as oficinas promovem a expressão de nossos sentimentos e proporcionam momentos de prazer e autoconhecimento, bem como a interação com o outro” (Participante 2020).

Para Amendoeira (2008)

A criação artística pode ser uma atividade terapêutica ao estabelecer uma via de contato do sujeito com suas próprias vivências internas, emoções e pensamentos, e interferir na relação com os outros. É esse ponto de vista que nos interessa, ao refletir sobre o uso da arte para amenizar o sofrimento humano (AMENDOEIRA, 2008, p. 42).

Há uma frase do escritor cubano Onelio Jorge Cardoso que praticamente se transformou em um ditado popular: “o ser humano tem duas grandes fomes: a de pão, que é saciável; e a de beleza, que é infundável”, e nos ajuda a pensar nas ações do projeto. A arte, forma de expressão e fruição estética, tem contribuído para saciar esta fome de beleza na vivência de momentos que trazem “alento e leveza se contrapondo às pressões da escrita acadêmica” (Participante 2020). O fortalecimento dos sujeitos revelado nas sensações narradas como: leveza, felicidade, relaxamento, bem-estar, tranquilidade, liberdade, fluidez, aprendizagem, ruptura com a correria e estresse cotidianos, atenção a si e à saúde mental, melhoria da autoestima, além de prazer e descontração, nos indicam que foi promovido impacto na formação dos estudantes e na sua qualidade de vida.

Na avaliação das/os participantes aparece também, e com muita força, uma contribuição que não está explicitada como um dos objetivos do projeto, mas que está presente em sua fundamentação:

a contribuição da arte para a formação docente. Entendemos que a experiência de criação, expressão e comunicação ampliam a formação docente, já que são habilidades importantes para a profissão. Faz-se importante ressaltar que a concepção de formação docente adotada nos últimos anos entende como saberes da docência aqueles advindos de múltiplas dimensões, inclusive os saberes pessoais construídos nas trajetórias formativas a partir do contato com a alteridade e da reflexão (PIMENTA, 1996; OSTETTO, 2010). Nas palavras de uma participante, a “contribuição é total na área individual, no olhar e perceber o outro, no respeitar e pensar no outro. Essas concepções são de total relevância para a minha formação e conseqüentemente para a minha prática, tanto para comigo, como para com o outro.” (Participante 2019)

Quando ouvimos/lemos a avaliação de participantes das oficinas dizendo que elas “sempre retomam a livre expressão do SER” (Participante 2020) ou que participar da oficina deu maior segurança porque foi uma quebra “nesse universo cheio de convenções e coisas padronizadas” (Participante 2019) também aprendemos/lembramos que a arte nos remete à criação, necessidade cada vez maior em nossos tempos de homogeneização, padronização e apagamento da potência dos sujeitos, que ajudam a provocar as ansiedades, depressões e outras formas de sofrimento psíquico.

Nesse sentido, acreditamos que, para além do alcance dos objetivos iniciais do projeto, entendemos que a experiência com a arte contribui também para a formação inicial e continuada de professoras/es, objetivando a superação do uso de técnicas e materiais de ensino no modelo neotecnista de reprodução de formas pouco contextualizadas e que se movem mais pela ética e pela estética: “decência e boniteza de mãos dadas”, como nos dizia Paulo Freire (1998, p. 36); que, ao preocuparem-se com a estética, podem fazer aflorar a sensibilidade necessária ao diálogo e à criação, duas condições básicas para o trabalho da/o professor/a.

Relações dialógicas no projeto

Como dissemos, o diálogo é um dos princípios do projeto e das oficinas desde a sua primeira versão e, a partir do estudo do clássico de Paulo Freire, “Extensão e Comunicação” (1983), pudemos reforçar a compreensão da relação dialógica como metodologia que favorece a expressão.

Nossa intenção de promover ações que abrissem espaço para debates e diferentes formas de expressão da subjetividade, que funcionassem como canais de comunicação e socialização de situações difíceis vividas pelas/os estudantes, e que valorizassem a diversidade e a interação dialógica, visou tanto proporcionar às/aos participantes oportunidades para interagir, dialogar e descobrir coletivamente caminhos singulares para transformar e superar suas dificuldades pessoais e acadêmicas, como também uma formação ampla e integral para exercício do diálogo, no magistério e na vida.

Nessa perspectiva, ao proporcionar uma diversidade de linguagens artísticas, o projeto também contribuiu para que as/os participantes aprendessem a se expressar de diferentes formas e com isso pudessem se comunicar melhor com o outro e com o mundo. Com isso, entendemos que contribuimos para formar futuras/os e atuais professoras/es criadoras/es, inventoras/es do mundo por meio da sensibilidade e do diálogo. De acordo com participantes de 2020: “através das oficinas podemos nos expressar e socializar nossos conhecimentos e aprender bastante”; “abriu minha mente para novas perspectivas, aprendi coisas novas com as oficinas, e pude parar um pouco em meio a uma rotina tão cheia”; “as oficinas trouxeram inclusive ideias de práticas para sala de aula, para momentos com as/os alunas/os, envolvendo literatura, música e práticas corporais”.

O diálogo, considerado por nós como atitude imprescindível à atuação docente, e, portanto, parte essencial da sua formação, nos orientou a escolher as linguagens artísticas exploradas nas oficinas, já que usamos levantamentos e escuta junto ao público do projeto como forma de dialogar com seus interesses para a oferta das oficinas.

Foi o diálogo também a forma de relação estabelecida pelas/os ministrantes das oficinas para desenvolver as atividades com metodologia baseada na interação e na participação das/os participantes, conforme registros dos participantes: “metodologia interativa, as falas dos participantes valorizadas; autores e autoras com engajamento social. A mediação foi excelente” (Participante 2020); “diversidade de pessoas, boas discussões e referências propostas pela professora” (Participante 2020).

A análise do termo *extensão* realizada por Freire (1983) como expressão que denota transmissão, entrega, persuasão sujeitando o outro, e que por isso não é libertadora, pode ser relacionada à relação pedagógica bancária tradicional. Para se contrapor a ela, o autor defende o emprego do termo *comunicação*, porque na relação dialógica-comunicativa os sujeitos interlocutores se expressam, havendo reciprocidade, não hierarquização (FREIRE, 1983).

Na obra de Paulo Freire, diálogo é relação entre sujeitos; troca de sentidos; interação; abertura ao outro; necessidade para o estabelecimento de relações entre os sujeitos. Em seu pensamento, o diálogo aparece como um fenômeno humano – exigência existencial para se viver humanamente; um ato de criação:

O diálogo é uma exigência existencial. E se ele é o encontro em que se solidarizam o refletir e o agir de seus sujeitos endereçados ao mundo a ser transformado e humanizado, não pode reduzir-se a um ato de depositar idéias de um sujeito no outro, nem tampouco tornar-se simples troca de idéias a serem consumidas pelos permutantes. (FREIRE, 1987, p.91).

Ao falarmos de troca horizontal entre sujeitos, e não depósito de ideias de uns em outros que são objetivados nesta relação, estamos, então, falando da construção de um tipo de subjetividade. É uma forma representativa de uma atitude política democrática, em que todos têm voz, contribuem e são vistos e considerados como sujeitos e valorizados no seu conhecimento e cultura; pressupõe uma horizontalização das relações e representa um esforço contra-hegemônico na medida em que o sujeito de diálogo é um sujeito crítico que conhece seu poder de criar e transformar (FREIRE, 1987)

No projeto, as pessoas que conduzem as oficinas são essas/es educadoras/es que vemos Freire (1983) descrever como os que estão em ação de *comunicação* e não de *extensão*, ou seja, não agem como dissertadoras/es, mas como problematizadoras/es, provocadoras/es da reflexão, do debate e da expressão para contribuir com o desenvolvimento de uma subjetividade não passiva, que aguarda o recebimento – o depósito, nas palavras de Freire – distinta da que Han (2015) descreve como patológica e apática, fruto da sociedade do cansaço.

Acreditar no diálogo como caminho possível para a produção de outras formas de comunicação e outras subjetividades, depende de disposição para a desaprender o autoritarismo, o preconceito e a subjugação, e aprender a praticá-lo juntamente com conhecimentos relacionados à prática pedagógica que nos façam acreditar que podemos reinventar e criar mais.

A discussão de Freire sobre a característica bancária que a extensão pode assumir nos alerta para a necessidade de desenvolver a atividade extensionista em uma perspectiva popular, ou seja, criar e fazer uma extensão que seja dialógica, que não seja levar um saber considerado hierarquicamente superior (o da universidade) para contextos e pessoas que não são considerados sujeitos detentores de saberes socialmente valorizados (a comunidade). Este se constitui em um desafio para qualquer ação extensionista

e no nosso caso tentamos superá-lo fazendo o movimento contrário: trazendo a cultura popular para dentro da universidade, na expressão de artistas populares da música, da literatura e do teatro.

Considerações finais

Ao longo de todo o período de realização do projeto, compreendido entre 2019 e 2022, a equipe organizadora manteve reuniões de estudo e discussões teóricas para o embasamento das atividades. Especialmente no período da pandemia de Covid-19, que instaurou o desafio de realizar as atividades de maneira remota, a equipe intensificou os estudos e discussões de títulos diversos com vistas a melhor compreender as questões que enfrentamos cotidianamente na vida, na universidade e no projeto. Avaliamos e tentamos compreender este momento de redução da participação nas atividades do projeto com a contribuição de Han (2015) sobre a sociedade do cansaço, bem como refletir como tais questões sociais e culturais repercutem na trajetória acadêmica das/os estudantes. Para nós, ficou evidenciado como tais estudantes são impactadas/os pela exigência de desempenho individual ao custo, inclusive, da própria saúde mental.

Nas discussões realizadas, também encontramos elementos para afirmar a potência da construção e fortalecimento das ações coletivas, em perspectiva semelhante à defendida por Pott (2020), especialmente em uma sociedade que vive sob a égide do individualismo. Nesse sentido, a atividade extensionista, ao ter como princípio o intercâmbio de saberes acadêmicos e populares, promovendo, necessariamente, ação de comunicação e diálogo (FREIRE, 1983) possibilita o estabelecimento de vínculos e o fortalecimento do entendimento de que todas/os as/os participantes – tantoicineiras/os quanto inscritas/os nas oficinas – constituem-se enquanto sujeitos de conhecimento que criam e se transformam a partir do conhecimento construído no coletivo. Esta é para nós a síntese da ideia de expressar subjetividades por intermédio da arte, que incide diretamente na formação docente das/os participantes e no reconhecimento de sua potência criadora.

Entendemos também, com esta reflexão, a possibilidade de estabelecermos este diálogo fazendo o movimento contrário ao trazer para a universidade saberes das artes populares (como oficinas com temáticas como o samba, de produção de bonecas abayomi e *escrevivências* autobiográficas), enriquecendo as experiências formativas de nossos estudantes de diferentes níveis e inclusive das/os professoras/es da Educação Básica.

Nesses quatro anos de realização do projeto, depreendemos, pelas avaliações das/os participantes, que os objetivos aos quais o projeto se propunha foram, em certa medida, alcançados. Dentre estes, destacamos como principais: melhoria das condições para a aprendizagem e o rendimento acadêmico das/os estudantes; melhoria da expressão, da comunicação, e do fortalecimento pessoal e subjetivo das/os estudantes; formação ampla e integral para o exercício do diálogo e do respeito à diversidade; e promoção de autonomia, saúde mental e qualidade de vida para as pessoas que participaram do projeto.

Os bons resultados supracitados são compreendidos por nós como um estímulo para o engajamento em ações que, como a relatada neste artigo, promovam uma formação docente mais humanizada, em contraponto ao contexto atual que supervaloriza sobremaneira as competências técnicas. Nessa perspectiva, entendemos que o investimento na saúde mental de estudantes e profissionais da educação se configura como uma contribuição para a constituição de uma universidade preocupada com uma formação profissional que não se limita ao desempenho acadêmico, posto que envolve a dimensão subjetiva.

Destacamos que a experiência do projeto demonstrou que, para seguirmos nessa direção, dois pilares são essenciais e, portanto, devem orientar futuras ações: o exercício do diálogo como base para a instauração de novas formas de subjetivação e o recurso à arte como forma de expressão e resistência. Esses dois pilares são orientadores porque, a nosso ver, apontam simultaneamente a saúde mental e a qualidade de vida das/os estudantes como cruciais para o processo formativo, como também demonstram que a qualificação da formação requer, necessariamente, a consideração pela expressão das subjetividades.

REFERÊNCIAS

- AMENDOEIRA, Maria Cristina. O trabalho da arte e construção da subjetividade no feminino. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 42, n. 4, p. 41-54, 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rbp/v42n4/v42n4a07.pdf>. Acesso em: 20 maio 2022.
- _____. A criatividade como expressão da subjetividade no envelhecimento. **PajaR**. v. 5, n. 2, p. 35-40, 2017. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/pajar/>. Acesso em: 20 maio 2022.
- FERREIRA, Geraldo A; FERREIRA, Leonardo C. Arte e Subjetividade: a constituição do sujeito. **Revista Psicologia e Saúde em Debate**, Uberlândia, v. 3, p.17-18, nov.2017. Disponível em: <http://psicodebate.dpsifpm.com.br/index.php/periodico/article/view/212>. Acesso em: 20 maio 2022.
- FIGUEIREDO, Ana Cristina. A construção do caso clínico: uma contribuição da psicanálise à psicopatologia e à saúde mental. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, São Paulo, v. 7, n. 1, mar. 2004.
- FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.
- _____. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- _____. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática**. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução: Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2015.
- LARROSA, Jorge Bondía. Nota sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 19, p. 20-28, jan./fev./mar./abr. 2002.
- NOGUEIRA, Maria das Dores P. **Políticas de Extensão Universitária Brasileira**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2005.
- ONOCKO CAMPOS, Rosana. Clínica: a palavra negada – sobre as práticas clínicas nos serviços substitutivos de saúde mental. **Revista Saúde em Debate – Revista do Centro Brasileiro de Estudos de Saúde**, Rio de Janeiro, v.25, n. 58, p. 98-111, mai./ago. 2001.
- OSTETTO, Luciana Esmeralda. Para encantar, é preciso encantar-se: danças circulares na formação de professores. **Cad. Cedes**, Campinas, vol.30, n.80, p.40-55, jan.-abr. 2010.
- PIMENTA, Selma Garrido. Formação de professores: saberes da docência e identidade do professor. **Revista da Faculdade**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 72-89, 1996.
- POTT, E. T. B. Contribuições da Psicologia Escolar para o Ensino Superior em um contexto de pandemia: o papel da construção de coletivos. **Brazilian Journal of Development**, Curitiba, v. 6, n. 7, p. 49707-49719, jul. 2020.
- VIANA, Cynthia Maria Jorge; FRANCISCATTI, Kety Valéria Simões. Teatro e Formação Cultural: limites e possibilidades da arte da representação como testemunho do sofrimento. **Revista Mal Estar e Subjetividade**. Fortaleza, v.10, n. 4, p. 1365-1396, dez/2010.